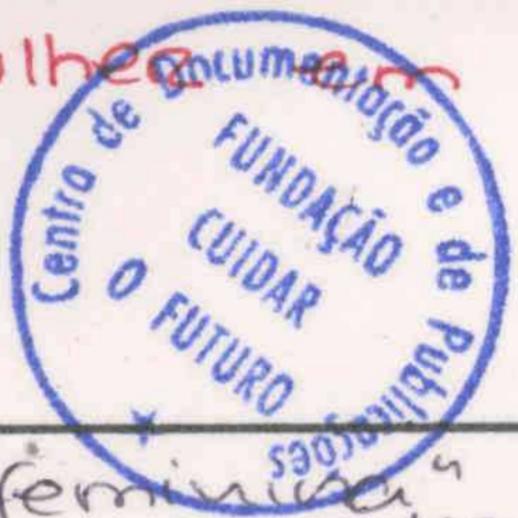


"HELP, uma mulher
Belem?"

ENTREVISTA



- "Crônica feminista" n.º 1477
- entrevista com a escritora
na Colômbia Guerra

14 dez 1985

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Fundação **PRIMEIRO MINISTRO** Cuidar o Futuro



MARIA DE LURDES PINTA SSTILGO

— Pela primeira vez, na história da República Portuguesa, uma mulher se encontra em lugar de privilégio para ensinar as funções do Círculo do Estado. Chama-se Maria de Lourdes Pintasilgo e este privilégio em virtude, em todas as sondagens à opinião pública, sobre quem será o sucessor em Belém de General Ramalho Eanes, a «Crónica Feminina» que eu vi-la, não sobre as questões políticas, sem dúvida importantes, mas sobre si própria. Saber o que ganha sobre quem são que têm respeito a todos nós, mulheres, também.

**HELENA S. DE SÁ
Folus: J. ANTUNES**

Gosta-se dela como se gosta de flores, assim, de repente. Primeiro, pela intuição de que estamos diante de uma mulher inteligente, firme e capaz de grandes sacrifícios pelos outros. Há nela uma capacidade de dívida, de entrega, servida por uma inteligência aguda e uma vontade educada. Depois, porque nos fala com a simplicidade de quem não precisa esconder-se atrás das palavras rebuzadas, porque não tem nada a esconder. É simples e directa, mesmo quando se lhe pergunta sobre a sua vida privada. E foi por aí que começámos.

— Porque não casou?

— Vendo as coisas de longe, sinto que foi porque, desde muito cedo, me vi envolvida em muitas tarefas e ações que me preenchiam. A certa altura, deixei-me contar de que todo o meu espaço de relações estava abrangido pelos numerosos círculos em que trabalhava. Não havia tempo para mim, que, nessa altura, chamava o serviço dos outros e não, se quiser, um certo sacrifício pelos outros... Acto que tanto que o dizer, porque o senti, a dada altura da minha vida: havia em mim satisfação, uma grande felicidade, em realizar esse serviço pelos outros.

— E viu-se, como que a esconder sob o riso esta qualidade de dar e de obter, só com isso, a satisfação interior. Mas não chegava:

— Quer dizer que dispor-

se, por muitos e que cada coisa de hábito?

— Sem dúvida. Não é por uma qualquer face ou culpa. Pelo contrário, é um alargamento da minha esfera afectiva, pelo menos ao meu espírito. Talvez porque tenha conhecido pessoas de temperamento esportivo. Se me concentrava apenas no quadro familiar — para mim importantíssimo, também, sem dúvida —, isso ia obscurecer-me por completo. Em mim, esse afecto exclusivo, preferencial, o amor por pessoas, pelos filhos, foi canalizado em muito maior amplitude.

— E chega?

— A satisfação que vem daí? Só lhe posso dizer que sou um ser feliz. Não vi a vida e não a vivi como uma tarefa, ou uma tarefa, mas com muita felicidade. Com momentos altos e com momentos difíceis, como acontece em todas as vidas.

— Maria de Lourdes Pintasilgo está à vontade e também nos deixou à vontade. Não parece aquela mulher «terrível», capaz de fulminar os adversários com uma frase caustica, como aconteceu no «Governo dos 100 Dias». É uma mulher quem nos fala simplesmente.

— Porque, sobretudo, que existe um paralelo entre as mulheres e os filhos? Em determinado momento, as mulheres casadas acompanharam os filhos e as netas, como é o meu caso, acompanharam algumas gerações da gente nova. Depois, antes de entrar vêm essas pessoas seguras, em plena liberdade, os seus próprios caminhos. Assim, tanto umas como outras são obrigadas a viver o grande momento do desapego. A experiência que tenho, sobretudo nos últimos dez anos, é a experiência que têm as minhas amigas, da minha geração, que casaram e tiveram filhos. É a experiência de deixar a gente seguir o seu próprio caminho. E isso, por vezes, é difícil...

— Quer dizer que se tivesse uma família sua, para a qual vivesse exclusivamente, a ela se limitaria a sua capacidade de dar amor?

— Pelo que sei de mim, do meu temperamento, penso que sim. Sei que há algumas de nós capazes de agir de outra forma mas, comigo, as coisas passam-se deste modo. Creio que, sobretudo nos últimos anos, tem havido uma

O Papel da Mulher em Portugal, é realmente insubstituível e decisivo...

certa confusão a propósito do conceito «libertação da Mulher». Vê-se, com facilidade, mulheres quebrando os seus laços com os filhos, para satisfazerem a sua própria ânsia de liberdade. Ora, parece-me que o único laço que permanece indissolúvel é, na verdade, o laço da Mãe

com os filhos que trouxe no ventre. Penso que não tem sido suficientemente sublinhado que essa relação — e viu utilizar uma expressão que é muito «tradicional» — exige uma fidelidade ao mais alto grau.

É nítido que Maria de Lourdes Pintasilgo está embalada num tema que



MARIA DE LURDES PINTASSILGO

lho é muito caro e sobre o qual tem exercido a sua capacidade de reflexão.

«Creio ser de sublinhar, de acentuar — prosseguo, com uma voz calma e convicta —, que a relação mãe-filho é privilegiada e é tanto mais importante para o filho — para a filha, para os filhos... — como para a mãe. Se quiser, há uma redescoberta, que julgo terá de se fazer, do verdadeiro papel da Mãe nos nossos tempos».

— Mas como? Hoje as relações de família foram quebradas e sobretudo pela entrada da Mulher no mundo do trabalho...

— Talvez através da preparação, penso eu, das mulheres jovens para a sua situação de mães, efectivas ou em potência. Com toda a liberdade hoje existente no domínio das relações sexuais, continua-se, por estranho que pareça, a demonstrar uma enorme ignorância quanto à forma como se desenvolve um ser humano. O problema não é específico da Mulher portuguesa... Parece-me indispensável que as mães de hoje aprendam de verdade, descubram, que o laço mais profundo que estrutura a vida humana — e estrutura-a definitivamente! —, é o laço entre a criança e a mãe, até aos cinco anos de idade, sobretudo. Depois dos cinco anos, o que vai passar-se na vida dessa pessoa não é, muitas ve-



Parece-me que o único laço que permanece indestrutível é o laço de Mãe com os filhos que trouxe no ventre.

zes, são o ecoar dessa primeira infância, embora sob outras formas. Não estou a falar daquilo a que se chama «dar educação aos filhos»... É no sentido da relação afectiva.

CRECHES E MULHERES QUE TRABALHAM

Para a nossa interlocutora, a solução encontrada para as mães que trabalham — entregar as crianças a creches, desde a mais tenra idade —, está errada e assim o demonstra a experiência dos países onde foi posta em prática há mais tempo.

A maior parte das mulheres que trabalham não interrompem, hoje, a sua vida de trabalho por mais de três meses, segundo a lei portuguesa. São os três meses de «licença por ma-

ternidade» que — e nem sempre isso tem sido tornado claro —, não se destinam apenas à recuperação da mãe, afinal um parto não é uma doença, mas de um tempo em que a criança pode beneficiar do contacto físico, permanente e constante, da mãe; um contacto de pele a pele, de corpo a corpo. A partir dos três meses, na maioria dos casos, a mulher tem que voltar ao seu trabalho. Se não há uma avó, uma amiga, uma vizinha, que tome conta do bebé, coloca a criança numa creche. Ora, hoje é um dado praticamente adquirido que, em cada manhã em que a criança — tenha quatro, ou dez, ou dezoito meses —, é arrancada dos braços da mãe, vive uma morte antecipada.

— Então, como resolver?

— As creches são necessárias, como um mal menor. Mas talvez a solução mais adequada esteja no que se faz já em alguns países: uma licença de maternidade mais longa, que será de um ano. E há outras soluções, como a de uma mãe abrir a sua casa e mais duas ou três crianças e tratar do seu bebé e desses outros, por dois ou três anos. O processo está a ser tentado em países que já experimentaram, há muito a solução das creches e chegaram à conclusão de que a criança precisa, mas precisa mesmo, de uma permanência da figura que substitui a mãe, se não puder ter a mãe junto dela. Falo a partir da experiência dos países escandinavos, que possuem creches há mais tempo e estão em condições de analisar as consequências. Nas creches, geralmente, acontece terem pessoal muito jovem e com grande rotatividade. Assim, a criança, durante a primeira infância passa pelas mãos

de uma série de «mães», o que dificulta ao seu inconsciente o processo de identificação que tem que realizar para ser alguém. Ser-se alguém não é aprender depressa as letras na escola — é poder-se estar estruturado, desde o início, numa segurança afectiva muito grande.

«E está a ver sonda nos levou a conversa?», pergunta a Eng. Lourdes Pintassilgo, candidata quase certa à Presidência da República e com um conhecimento tão grande do Mundo e dos outros como de si própria. Regressou, agora, de uma reunião de trinta ex-chefes de Governo, em Espanha, onde se debateu um tema tão espinhoso como o da Dívida Pública dos países ditos «em vias de desenvolvimento».

O REGRESSO À SABEDORIA ANTIGA

— Temos vivido, nestes últimos anos, sob o signo da



Aqui para nós também vejo as telenovelas, sempre que posso.

Técnica e do progresso científico voltado, sobretudo, para o domínio do Material. Acha que chegou o momento de se recuperar o Espírito? pergunta-se-lhe, mudando de tema.

— Não tenho dúvidas! Enquanto técnica, o facto de ser engenheira aqui pesa muito... tenho a noção dos limites da própria Técnica. Por um lado, das suas enormes capacidades, por outro, a noção clara de que a Técnica, hoje, ultrapassou o Homem. Estamos a ser condicionados por meios técnicos em tudo, mas tudo, quanto fazemos. Cada passo que damos tem a ver com uma organização técnica da nossa vida — até o atravessar de uma rua apenas quando um sinal estiver verde... O Homem criou meios técnicos que o estão a controlar.

«A maneira de fazermos frente a esta realidade, que nos aparece, também, como uma ameaça — a ameaça nuclear, que não pode ser escamoteada —, a única forma de nos erguermos, como seres humanos, é fazendo apelo ao que, em nós, é fundamental: o Espírito. Quando digo Espírito, não me subordino a qualquer idealismo, fora da realidade, sou muito concreta: não podemos, agora, dominar a Técnica se não tivermos o «conhece-te a ti mesmo», o que representa, de certa forma, o regresso à Sabedoria socrática.

«Podemos conhecer as máquinas e, assim, repetir-mos o que as máquinas fa-



